O PSICANALISTA E AS INSTITUIÇÕES DO EU[1]

Eliane de Andrade[2]

RESUMO

A autora se propõe a um breve comentário sobre a formação do Eu e suas instituições, mecanismos de defesa, com o fim de refletir sobre as interações do analista com as mesmas. Faz um percurso pelo nascimento do Eu no "Projeto para uma Psicologia Científica", "Além do Princípio do Prazer" e "O Ego e o Id", demonstrando de que maneira o Eu se organiza e busca interagir com o outro disfarçadamente, pelos efeitos da repressão. Busca mostrar os movimentos que o analista necessita para alcançar êxito em seu trabalho, levando em consideração as defesas criadas pelo Eu, as movimentações do afeto e as possibilidades de *insight*.

Palavras-chave: O Ego e o Id. Psicologia Científica. *Insight*.

ABSTRACT

The author makes a brief exercise over the concept of Ego and its institutions, its defenses mechanisms, intending to reflect over the relationship of the analyst and these institutions. The

[1] Este trabalho foi apresentado nos "Diálogos Psicanalíticos", do GEPMG, em 31/05/2014.

[2] Analista Didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG); Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Mestre em Psicologia Clínica pela Unversidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

origin of the concept of Ego in the texts "Project for a Scientific Psychology", "Beyond the pleasure principle" and "The Ego and the Id", showing the way the Ego organize itself looking for interact with others, mascarated by the effects of repression. The author tries to show how can the analyst achieve success in his work, considering defenses created by the Ego, affect mobility and insight possibilities.

Keywords: The Ego and the Id. Scientific Psychology. Insight.

Em 1923, Freud escreve um texto que seria considerado seu último grande trabalho. O tradutor da edição inglesa, James Strachey, informa que as repercussões desse texto foram importantíssimas. Nele, Freud afirma que buscou alcançar ideias posteriores a "Além do princípio do prazer". Trata-se de "O Ego e o Id", traduzido em 2011 sob o título de "O Eu e o Id". Nessa obra, Freud descreve o Eu como uma organização coerente de processos mentais aos quais a consciência se encontra ligada. Explica que o Eu é quem tem o acesso à motilidade, quem observa suas partes constituintes, quem vai dormir à noite e quem reprime. Ele tenta aplicar as exigências do mundo externo ao Id e ao Supereu. No Eu, a percepção informa sobre o mundo externo e desempenha a função que, no Id, o instinto tem.

O mais surpreendente, no entanto, é a afirmativa de Freud de que o Eu é, antes e acima de tudo, um Eu corporal. Sua consciência vem disso, de ser a projeção de uma superfície. Assim, selada fica a ideia de que a maior parte do que nos ocorre é inconsciente, pois Freud define o Eu como uma pequena área distinta do Id. Deste, herda as identificações que foram abandonadas pela energia dele, Id, e algumas dessas se transformam no Supereu. E o Eu se submete ao imperativo categórico do Supereu.

Então, o Eu é uma instância que se diferencia do Id, para poder fazer contato com o mundo externo. Dele recebe impactos energéticos para os quais precisa encontrar uma saída. Do mundo de dentro recebe estímulos biológicos e de desejos, que também pedem uma saída.

Repousa sobre o Id, sendo a ele vinculado nas bordas inconscientes e funda, a partir dele, uma nova instituição que, com sua energia, estrutura a manutenção de graus de idealização que servirão ao seu crescimento como constituinte de uma pessoa, o Ideal do Eu, mas que recebe dessa nova instância ordens e críticas que o conduzem, punem ou paralisam.

O Eu tem como função manter a vida do indivíduo. Para isso, precisa da percepção e se torna o responsável por sua interpretação. Para que todas as funções vitais se realizem, precisa concatenar as ações e, com isso, desenvolve o pensamento. A coerência do pensamento, sua crítica e possibilidade de adaptação à vida são frutos dessa lógica vital. Portanto, a previsão do perigo também é tarefa sua.

Como o contato com o mundo externo requer ligações com outras pessoas, a apresentação, coerência, personalidade e outras características que garantam os relacionamentos lhe são imprescindíveis. Cada uma dessas e numerosas outras tarefas compõem as áreas do Eu. Podemos pensá-las como um cacho de uvas, aglomeradas e compondo um todo. Entretanto, essas áreas, por serem contíguas, trazem o perigo de contaminação em caso de adoecimento de qualquer uma delas.

Na evolução natural da vida, o Eu vai sendo apresentado a diversas circunstâncias oriundas dos mundos interno e externo, para as quais ele não possui instrumentos de tolerância. Geralmente são experiências emocionais advindas de constatações dolorosas para a constituição do Eu. Informações que tendem a aviltá-lo, assustá-lo, despedaçá-lo ou mesmo paralisá-lo. Como um vigia, partes consideráveis do Eu são utilizadas para impedirem a movimentação de tais informações rumo à consciência.

A série de mecanismos de defesa a que passaremos a chamar de instituições do Eu é enorme. Toda e qualquer formação defensiva tem o claro intuito de proteger o Eu. E, se é este quem protege a vida, suas instituições foram claramente desenvolvidas para o mesmo fim. E elas passam a ter vida própria. Organizam-se de forma a parecerem uma realidade finalizada. São vividas pelo Eu como verdade absoluta e parte da sua personalidade. Assim sendo, constituem o Eu. Claro está que o preço para a aquisição dessa nova forma de ser é alto. O Eu precisa descuidar-se de outros aspectos de si mesmo para atender à manutenção dessas instituições.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), "instituir" é um verbo que tem conotações de educação, marcação, ordenação. Portanto, quando Anna Freud (1990) dá ao Eu "instituições", em nossa língua encontramos um significado muito interessante: o Eu ordena a si mesmo ter soldados de prontidão contra os perigos de vários *fronts*. Institui funcionamentos. Assim, o Eu transforma-se e se protege. Inclusive do analista!

Todas as formas de o Eu se defender levam em conta o afeto, para substituí-lo, alterá-lo, revertê-lo, anulá-lo ou para exacerbá-lo. Dessa maneira, o psicanalista se vê frente às instituições do Eu como a bailarina que aguarda a música para iniciar a coreografia, pois cabe a ele, psicanalista, reconhecer as criações defensivas do Eu como tais e respeitá-las. O imbróglio se coloca quando o analista começa a trabalhar em direção à melhora do paciente. Nós, e talvez os advogados de defesa, somos pagos para sermos despistados. Na neurose de transferência, o paciente repetirá suas defesas *ad infinitum* e o analista precisa impedir que isso aconteça *ad aeternum*. E vejam que a delicadeza da situação é tal, que o psicanalista, ele próprio, tem os seus afetos dirigidos ao paciente. Assim, também o analista conta com dificuldades de seu próprio Eu na investida contra as instituições do Eu do paciente.

Frente a todo esse choque afetivo, o profissional psicanalista, ser humano mais experiente na relação com o paciente no *setting*, precisa estar afeito aos seus próprios sentimentos para não danar a situação. E parte dessa danação seria exatamente não levar em conta que as instituições do Eu estão ali para manter a vida. Desde a repressão como defesa, é a experiência da dor por meio de seu registro que emite o sinal de que o perigo se aproxima para o Eu se defender. E é nesse processo de aprendizagem sobre a dor que o Eu se constitui. Ele passa a ser "criado" cada vez que o perigo se apresenta, buscando oferecer dispêndios energéticos menores que o sentimento de dor.

Portanto, o Eu é um grande economista. Sabe perfeitamente que mudar o rumo da experiência desagradável custará mais barato ao psiquismo que encontrar-se com aquilo que lhe causa desprazer. Como ele já viveu número suficiente de experiências de satisfação e dor, cria uma "despensa" que fornece a identificação daquela que se aproxima

– pode ser uma interpretação do analista – como algo que põe em risco sua integridade. Qual risco? O de ter que experimentar um estado de alta tensão desprazerosa, que lhe parece insuportável. A questão é que qualquer dor se assemelha à dor máxima. Por isso, tentar diminuir a aproximação da dor ou negociar com ela a forma de ela transcorrer o território do Eu de maneira menos explícita, mais controlada por ele, é uma proteção. Porque, no final das contas, as negociações são feitas sempre numa intenção econômica: o menor gasto e o menor sofrimento. Aí vêm as artimanhas do Eu: quanto mais distorce o material, mais difícil é para o analista identificar sua origem.

Regido pelo processo primário, o Id tem seu funcionamento profundamente móvel, por deslocamentos e condensações. Suporta a convivência de opostos, suprime a existência do tempo e da morte, aceita todo e qualquer desejo como conveniente e realizável. Sua intenção é sempre a descarga, sem nenhum compromisso. Já o Eu, regido pelo processo secundário, leva em conta a realidade externa – tempo, dinheiro, morte, proibição, leis – e organiza-se como uma coesão apresentável socialmente.

Como o Id é mestre no disfarce, o Eu precisa ser o mestre na diplomacia. Mas esta sai caro para o próprio Eu, uma vez que, a cada invasão do Id, grande parte do Eu se desloca para vigiar esse contingente invadido, não permitindo que a informação aí contida seja explicitada. Os mascaramentos do material oriundo o Id têm como função permitir que haja descarga da parte deles, mas acarretam dor ao Eu. As máscaras, então, são o combinado para se dar vazão a uma instância e tolerar a outra. Assim, o Eu é um portador da reserva, como nos diz Freud (1970) no "Projeto para uma Psicologia Científica". Ele fica antenado para vetar a comunicação explícita do desejo oriundo do Id. Ele exige o disfarce! Portanto, o Eu é momentâneo: a cada momento precisa tomar uma decisão. E quanto maior a exigência da realidade, mais ele é requerido.

Vejam que, nessa descrição, podemos constatar que os Eus dos nossos pacientes amoldam-se ao Eu do analista. Ambos vão se conhecendo e estabelecendo formas de contato. Claro está que o do paciente vai buscar adequar-se a uma situação em que a oferta "psicoterápica" da análise seja o suficiente. Ou seja, em que a volta à

equalização da mente se mantenha em níveis superficiais. Que haja desabafos, compreensão da dinâmica alheia, reconhecimento de saídas concretas no mundo externo, e... só! Angústias, fixações, ódios e amores edípicos precisam ser evitados. Manter os sintomas formados é a forma de o Eu fugir da verdadeira análise. Certezas absolutas precisam ser confirmadas pelo analista. Esses processos psíquicos primários precisam ser inibidos pelo Eu, donde ele é tanto mais forte quanto menos precisar utilizar-se de instituições muito primárias para se sentir coeso.

A técnica parece fácil: o psicanalista precisa fazer uma aliança com as partes saudáveis do Eu. Feito isso, o psicanalista passa a parecer ao Eu uma aposta confiável como troca pelas instituições primárias de defesa e pode oferecer-se como modelo de representações psíquicas mais elaboradas, modelo de satisfação das necessidades oriundas do Id de forma mais adulta, usando algo mais distante da descarga total, porém mais organizador para a manutenção das conquistas evolutivas, qual seja, a palavra.

Ferenczi (2011) nos narra a história de um menino de quatro anos reservado demais. Quando instado pela mãe, orientada pelo psicanalista, a poder dizer o que quisesse, ele de pronto pergunta: "Posso realmente dizer tudo?" e, frente à aquiescência da mãe, diz: "então explica-me como nascem os bebês". Bela passagem para ilustrar como a palavra, faltando, permite que as instituições do Eu organizem formas de viver muito caras e complicadas, porque muito primárias na evolução da pessoa. Sob o efeito dessas instituições, o Eu diminui, se restringe, se afasta do convívio e sempre compromete um curso mais brilhante para sua vida. Gostaria muito de ter a continuação dessa história: teria a mãe do menininho recursos para continuar a conversa? Pois essa é a questão do psicanalista. Quais recursos serão usados na sequência à chegada ao sintoma?

O psicanalista é aquele capaz de fornecer, por meio de suas intervenções no tratamento psicanalítico, os elos que permitiriam ao Eu organizar-se de maneira mais madura frente à aparição da dor. Tais elos são compostos dos elementos faltantes às instituições do Eu: afetos ou palavras.

Se levarmos em conta o número de instituições que o Eu pode criar, teremos que ter um colóquio à parte. Todas as formas defensivas – cisão, projeção, repressão, negação, formação reativa e tantas mais – são componentes do teatro de sombras que cada paciente leva para seu psicanalista. Cada uma delas expressa a extrema flexibilidade que o Id tem para enviar suas informações à consciência, o que requer do Eu uma habilidade descomunal para proteger-se frente a tais comunicações.

Dessa maneira, juntamente com o pai Freud, todos os psicanalistas buscam "a versão consciente do recalcado", como nos diz Ferenczi (2011), ou Anna Freud (1990): "nosso propósito é o mesmo na análise das resistências. Quanto mais completamente conseguimos trazer à consciência tanto a resistência como a defesa contra os afetos, tornando-as assim inoperantes, mais rapidamente progredimos no sentido da compreensão do Id".

Não podemos nos esquecer de que o Eu é o aliado e aquele com quem lidamos. Logo, não podermos trabalhar com o Id somente, desprezando o Eu. Temos de trabalhar com respeito às dificultações que o Eu nos impõe.

Penso que aqui, nesta sala, todos nós concordamos que só é analista aquele que já se submeteu à análise das suas próprias defesas. E que clinica! Portanto, nos poderia parecer que o Eu analisado do analista teria facilidade de sobra para trabalhar com as instituições dos Eus dos seus pacientes. O analista, por ter conhecido e vivido o método, possui ferramentas para ter uma escuta privilegiada desses sofrimentos.

Mas eu gostaria aqui de levantar novamente a metáfora da bailarina. Essa nossa bailarina não tem coreografia repetitiva. Se o método propõe a análise da transferência, ainda assim muitos fenômenos nos surpreendem e temos uma variedade de propostas técnicas que, claramente, visam oferecer maior trânsito ao analista. Mas, mesmo assim, continua difícil! Dessa maneira, a bailarina conhece técnicas e, quanto mais as conhece (com estudo, análise pessoal, supervisões, congressos, trabalhos apresentados), mais pode entender a música que o paciente executa. Então pode criar um bailado que propicie não dois solos paralelos, mas uma bela dança a dois!

Não é à toa que supervisões nos causam calafrios: tememos sempre ter incorrido em algum erro crasso. Tememos que o supervisor veja os desencontros do par que dança. Afinal, é o psicanalista quem conduz a dança no sentido técnico, mas o artista é o paciente, e quem toca a música.

É com anos de prática que o psicanalista vai conseguindo deslindar cada paciente seu. Demora muitos anos para que essas experiências individuais façam um sentido técnico mais generalizado. E, a cada vez, nossa bailarina precisa aguardar a música. E ir buscando, numa tentativa sempre atual, a melhor interpretação da sinfonia que escuta. Inclusive quando música nenhuma há, já se trata de uma nova modalidade de música.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. Causa da atitude reservada de uma criança. In: *Obras completas - Psicanálise II* (trabalho originalmente publicado em 1913/1919). São Paulo: Martins Fontes. 2011.

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa.* (trabalho originalmente publicado em 1946). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1990.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trabalho originalmente publicado em 1912). Rio de Janeiro: Imago. 1969. vol. XII.

FREUD, S. O Ego e o Id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trabalho originalmente publicado em 1923). Rio de Janeiro: Imago. 1976. vol. XIX.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (trabalho originalmente publicado em 1895). Rio de Janeiro: Imago. 1977. vol. I.

FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* (trabalho originalmente publicado em 1923). São Paulo: Schwarckz. 2011.